

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A ESCOLA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA DE LEO WAIBEL

Orlando Valverde

Boletim Gaúcho de Geografia, 28, n.1: 11-14, jan., 2002.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39930/26259>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2002

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A ESCOLA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA DE LEO WAIBEL

*Orlando Valverde**

Gostaria de dizer que, desde a época da implantação dos centros de pesquisa em geografia, sou o geógrafo mais antigo, ainda em atividade no Brasil. Participei de um núcleo em São Paulo, que começou com Pierre Monbeig. Monbeig fez uma obra extraordinária sobre a colonização e a ocupação das terras de São Paulo. Considero a sua obra como o melhor e o mais profundo trabalho de geografia agrária, jamais feito no Brasil.

Mas a questão é que a Universidade de São Paulo, cujo grupo de Geografia foi iniciado por ele, custou mais de dez anos para publicar uma tradução do seu livro. Hoje, felizmente, já há tradutores para que a maioria possa ler um texto clássico de Geografia. Mas isso ocorria "no meu tempo". Bom, mas justamente por isso, eu achei que seria importante fazer uma coletânea da obra de Waibel, porque ele foi um pessoa que teve uma posição especial aqui no Brasil. Eu considero que a Geografia Agrária do Brasil divide-se em duas partes: uma anterior e outra posterior a Waibel. Talvez isso seja expressão da paixão de um discípulo. Mas, para o Rio de Janeiro, não há dúvida que isso é verdadeiro.

Ao final da sua vida, ainda proferia conferências na Associação de Geógrafos Brasileiros do Rio de Janeiro, ao passo que na Alemanha, tinha sido proibido de ensinar na época de Hitler. Não só porque era casado com uma senhora de origem judaica, mas também por causa de um livro sobre problemas de geografia agrária, publicado na Alemanha. O livro era contra as doutrinas nazistas e, por isso foi queimado em 1933, na cidade de Prenzlau. Era uma coisa terrível.

* Geógrafo, pesquisador e presidente da Companhia Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA).

Eu me lembro quando ele cumpriu 60 anos. Estava triste aqui em Porto Alegre, numa noite fria. Lembro que ele, eu e o Nilo Bernardes nos encontrávamos aqui. Nilo, nosso falecido colega, tinha estado pouco antes em Santo Ângelo, e eu tinha ido pra trabalhar em Caxias, sobre a colonização das terras dos italianos. Bom, o fato é que ele estava muito triste, porque estava sozinho aqui no Brasil, no fim da vida, doente. E, numa noite fria, então, para alegrar o ambiente, ele comprou escondido uma garrafa de *champagne*. Eu e o Nilo, também havíamos comprado outra sem dizer nada a ele. Enfim, conforme tomamos, pudemos suportar aquele vento horroroso, gelado, na noite vazia da Rua da Praia. Bom, é ... eu costumo dizer que eu sou o único homem honesto que tem duas famílias: a Segunda é a família intelectual, que é a escola de Waibel. Desta, eu me considero um dos últimos representantes vivos da primeira geração, da escola que ele fundou no Brasil.

Hoje em dia, por exemplo, lembro do professor Gerd Kollepp da Universidade de Tübingen, da Alemanha. Essa universidade também "não é de brinquedo", pois depois de Heidelberg é a mais antiga da Alemanha. Heidelberg é de 1484, antes da descoberta do Brasil. Quando estive lá, pude ter a emoção de ensinar numa universidade que era mais velha do que meu próprio país. Mas a Universidade de Tübingen é do mesmo padrão. Ela foi fundada em 1500, e no curso de geografia há uma grande ênfase ao Brasil. O professor Gerd Kollepp é o "neto" de Waibel, é um dos grandes intelectuais da família e é um dos que mais estuda o Brasil, a Geografia do Brasil na Europa inteira, estou convencido. Então, é um verdadeiro "sogrinho" que eu tenho lá, ele é um ano mais velho, e eu tenho muita honra disso. Bem, e essa é escola de Waibel. Sua marca maior foi prosseguir trabalhando com o método dele. Hoje em dia, eu ainda tenho em casa, além das cadernetas, os diários de campo, que eram "leitos", após seminários e discussões feitos noite adentro. De documentos manuscritos, tenho algumas milhares de páginas, além de fotografias. Esse material já está um pouco desorganizado, mas é muito rico e ainda pretendo revê-lo para ajudar a mudar um pouco o destino deste país.

Esse era um dos aspectos da escola de Waibel. Hoje ela evoluiu, e não se aceita mais criticar a obra de um sábio com 50 anos de diferença, numa época de tão profundas transformações no mundo inteiro. Isso nos dá uma responsabilidade muito séria, e a mim repugna fazer críticas se não forem bem fundamentadas, embora Waibel as aceitasse com tranqüilidade. Mas, por autoritarismo ou pela força, não era possível impor nada a Waibel, porque ele afrontava o poder. Afrontou na Alemanha nazista e afrontou aqui no Brasil.

Lembro-me de um general que estava interessado, na localização de Brasília, lá no planalto central onde ganhou destaque. Ele tinha outra opinião: em largas ele disse que deveria ser um pouco mais próximo de São Paulo, talvez próximo do triângulo mineiro, lá no vale do Paranaíba, coisa assim e não admitia alternativas. Então, quando o general deu-lhe uma amostra de uma rosa do

Planalto Central, da localidade de Planaltina, pois ainda não havia Brasília, ele a jogou ao chão e acrescentou: para que eu quero isso?

A escola brasileira de Waibel, evoluiu enormemente e adaptando-se às circunstâncias. Desse grupo de estudos, organizado no Conselho Nacional de Geografia, implantou-se um grupo de pesquisa da Amazônia. Ele foi incorporado à Campanha Nacional de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia, apoiado pela ONU, e se contrapôs ao projeto do *Instituto Hudson*, que pretendia alagar o médio vale do Amazonas. Esse projeto visava submergir grande parte das áreas de várzea e de terra firme, a fim de aumentar os recursos vegetais e minerais da região. Faria submergir, inclusive uma parte do que é hoje o centro comercial da zona franca de Manaus. Apesar do segredo, nós ficamos sabendo do projeto. Era daqueles segredos que todos já sabiam e, até mesmo, já havia sido aprovado pelo Pentágono.

Bom, a CNDDA começou esse movimento, uma dessas iniciativas que ocorreu no auge da ditadura militar. Foi fundada em 1967, como reação pela agressão planejada ao Brasil, e sobrevive até hoje. A revista *A Amazônia Brasileira em Foco* é o documentário mais nítido desse trabalho. Nós distribuímos quase toda a reedição (entre 22 ou 23 números) a preço vil, porque o nosso objetivo não é lucrar.

Mas a escola Waibel não segue hoje o mesmo rumo porque as condições são diferentes. Por exemplo, dois estudiosos da escola de Waibel divergiram claramente, o que me pareceu correto, quanto à defesa da teoria de Von Thünen, sobre a importância da distância do mercado sobre o valor da terra, o preço dos produtos e os sistemas agrícolas. O que Waibel previu, não aconteceu na realidade, segundo a experiência de dois jovens, hoje professores de reconhecida contribuição científica. Um escreveu uma tese sobre a teoria de Von Thünen, a luz do marxismo. Ela foi apresentada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira e, aprovada com distinção na USP; teve como orientador, um professor que está no fim da vida, e foi seu grande auxiliar nesta tarefa, o Professor Pasquale Petrone. O outro estudo foi de José Grabores, com uma tese também aprovada com distinção na USP, sob orientação de José Ribeiro de Araújo Filho, geógrafo falecido, mas de grande firmeza científica e de caráter. Em ambas, de fato, a previsão que teria o uso da terra, por Waibel, não se efetuiu. Isto porque ele havia partido de premissas não realistas, aplicando o raciocínio que ele sempre condenou.

Por outro lado, o método indutivo que Waibel pregou continua firme entre os geógrafos. Ele sempre recomendou que os fatos são mais importantes do que as teorias e que a Geografia parte da observação para o estabelecimento da teoria. E, se essas teorias não conferirem com a realidade, devem ser abandonadas, jogadas fora. Para ele, todos os professores de Geografia, sobretudo, em nível superior, devem ser primeiramente um pesquisador, de campo e de gabinete, para mostrar, ensinar os alunos a interpretar as observações, descrever a região e depois explicar como ela evoluiu para aquele determinado tipo de paisagem.

Os geógrafos da atual geração chamam paisagem de território. Para mim, não faz isso grande diferença, como também acho que essa divisão entre Geografia Física e Humana, preconizada pela escola de Vidal de la Blache não é necessária. Também existe de fato uma *ecogeografia* em que a sociedade humana é um fator, digamos, tanto da modelagem da paisagem, como da reestruturação da rede do território, e da organização do território. Neste caso a geografia social é apenas uma parte. Não é humana, porque não é um homem; um homem individualmente não vale nada. Nenhum de nós é aquilo que quer ser.

Ainda acho que eu teria grande vocação pra ser milionário, mas a questão é que sou geógrafo, e o geógrafo que é milionário, ou é de talento único, ou é ladrão. O fato é que nós somos como dentes de uma engrenagem, que nos encaminha para certas opções limitadas, como um indivíduo que filtra o leite de cana do chão: ele pode ser fabricante de aguardente ou pode ser empregado de uma usina de açúcar. Podemos ter vários objetivos a perseguir numa sua profissão.

Assim, por exemplo, um dos maiores geógrafos da França, que era da minha geração, Jean Tricart, chegou a se empolgar tanto com o projeto de industrialização na região dos Alpes franceses que criou, como preferiu chamar, um curso de geografia aplicada. E, ele foi criticado pelos seus colegas Pierre George e Jean Dresch, que publicaram um artigo nos *Annales de Géographie*, intitulado "Existe uma Geografia Aplicada como um ramo da Geografia". Então, eles chegaram à conclusão que a Geografia, por ser científica, já é aplicada e, dessa forma, é um instrumento para o planejador, e esse é o objetivo pelo qual eu sempre me bati no IBGE.

Comentei isso também, num artigo que eu publiquei numa obra em homenagem a Orlando Ribeiro, o maior geógrafo de Portugal neste século, sobre a evolução da geografia brasileira no pós-guerra. Nessa época em que tanto se criticou a Geografia científica, que uma antiga ou clássica foi substituída por uma geografia quantitativa ou neopositivista e outros que, então, a substituíram por uma chamada geografia crítica, e de professores que tinham idéias marxistas mal assimiladas, pois muitos não sabiam nem geografia, nem marxismo.

Para concluir esta exposição, gostaria de desejar que o povo brasileiro siga o seu rumo orientado por professores que fazem geografia e que defendem os interesses do povo brasileiro, e repetir aqui as palavras de Artur César Pereira Reis, o primeiro presidente de honra da CNDDA, um homem que, apesar de ser de extrema direita, declarou, com muita exatidão, *que a ciência não tem pátria, mas os cientistas têm, e nós temos um dever pródigo, o dever ético de defender o povo brasileiro*. E, eu vou, desde já declarar o meu apreço por esse povo gaúcho que tem sempre assumido a vanguarda quando os interesses do povo brasileiro estão em perigo. E, o meu desejo de muita felicidade a todos vocês. Obrigado.